

Sem a Varig

J. Roberto Whitaker Penteadó

Certas coisas só se percebem quando se perdem. J. M. Barrie

Como o sentido em que as coisas caminham, no país, é geralmente de mal a pior e de pior para pior ainda não acredito que ocorra um milagre que resulte na ressurreição da Varig. Como a empresa tem 79 anos, seremos todos, em breve, a primeira geração de brasileiros a viver sem a sua presença uma perda bem maior e mais traumática do que os desaparecimentos da Panair do Brasil (que nasceu subsidiária da PanAm), a estatal Vasp ou a efêmera Transbrasil.

A maioria dos brasileiros que viajam tem coisas boas a dizer sobre a Varig, principalmente nas rotas internacionais. Mas, como costuma acontecer quando morrem pessoas queridas, as qualidades são lembradas mas os defeitos esquecidos. E a Varig não foi perfeita. Lembro-me de que ela foi durante anos responsável por manter altas as tarifas para nós, brasileiros, quando americanos e europeus dispunham de uma variada escolha de charters para vir para cá por poucas centenas de dólares. Daqui para lá, nada feito. Suas relações com os governos de plantão inclusive as ditaduras foram sempre excessivamente amistosas, e exercia "o poder das passagens de cortesia", como ouvi, uma vez, da boca de um de seus diretores. Nesse papel, foi protagonista de um dos momentos mais vergonhosos da nossa história institucional, quando um de seus vôos internacionais foi desviado de sua rota para fazer um pouso não-programado em Brasília: um mimo ao ministro Ernani Galveas (lembram do "menino do Encantado"?)

Em que pesem esses passados pecados, contudo, a Varig era uma boa empresa e prestava bons serviços. Sua marca como observou seu ex-presidente Ozires Silva é mais conhecida, lá fora, do que Petrobras ou Banco do Brasil...

Sua ausência será sentida ainda mais por nós passageiros freqüentes, que viajamos, às vezes, todas as semanas. Já se percebe, nas longas filas diante de seus balcões, nos aeroportos, que nada de bom nos espera, pois, aos poucos, vai-se armando o novo cartel Gol/TAM.

Depois da morte do comandante Rolim, a TAM perdeu a alma. Os pilotos ainda recebem as pessoas à entrada dos aviões, mas, muitas vezes, se fazem esperar; as mensagens do fale-com-o-presidente são respondidas com textos padronizados, por funcionários subalternos, que nunca demonstram qualquer interesse pelo que pensam e dizem os clientes. Entrou na rotina.

Quanto à GOL, depois de ter inovado, com a oferta de vôos baratos quase aos preços dos ônibus da Itapemirim, de onde se origina vem aumentando regularmente as tarifas para o mesmo nível da TAM. Não mudou o serviço oferecido aos passageiros: eram tratados como gado, e assim continuam. Não sei se ainda dão golpes, como os que usavam no início quando tinham a concorrência da Vasp, além da Varig de relacionar mais vôos, por exemplo, na Ponte Aérea do que os que efetivamente faziam, tentando juntar os passageiros, em auto-lotações...

Restam as recém-chegadas BRA e a Ocean Air o que farão?

Mas não estou muito otimista.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=180&ID=341>>. Acesso em: 5 ago. 2009.